

**VITRINES DA CIDADE MODERNA: ESPAÇOS E SOCIABILIDADE NO
PAISAGISMO DO PASSEIO PÚBLICO**

Isaac Silva França¹
Ricardo Prati Fernandes²
Luciana Nascimento³

Resumo: A modernidade, a revolução e a industrialização não se refletiram somente nas máquinas e arquitetura. A natureza, antes vista como um empecilho ao desenvolvimento volta a ter papel de destaque na cena urbana e passa a representar o progresso do homem, que molda e planeja o ambiente ao seu redor a fim de uma melhor qualidade de vida e no caso do Brasil, também, acompanhar o desenvolvimento das grandes metrópoles europeias, com seus grandes jardins e parques, símbolos do planejamento urbano e do ideal de beleza. O primeiro grande passo para a concepção de uma imagem funcional de desenvolvimento urbanístico e estético no Brasil foi a construção do Passeio Público do Rio de Janeiro, na época capital da colônia. Acompanhando o traçado europeu, o passeio modificou a vida do carioca, promovendo mais interação e dinamismo no lazer da população, até então muito limitado ao ambiente familiar e religioso. A construção desse espaço injetou, mesmo que timidamente, o gosto do progresso na cidade e instaurou uma sociabilidade maior entre os habitantes da cidade.

O objetivo geral desse trabalho foi destacar a importância que o passeio público (primeiro jardim público do Brasil) teve na sociabilidade da Cidade do Rio de Janeiro e como ele influenciou os processos de revitalização e urbanização que se seguiram, além de mostrar a importância do paisagismo na concepção de espaços e como o planejamento adequado transforma uma cidade. Como objetivos específicos, mostramos como esse espaço livre público aparece na literatura do século XIX, em especial, em textos de Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.

Palavras Chave: Modernidade; cidade; literatura

Abstract: Modernity, revolution and industrialization were not only reflected in machines and architecture. Nature, once seen as an obstacle to development, once again plays a prominent role in the urban scene and represents the progress of man, who shapes and plans the environment around him in order to improve his quality of life and in the case of Brazil, also to accompany the development of the great European metropolises, with its large gardens and parks, symbols of urban planning and the ideal of beauty. The first major step towards the conception of a functional image of urban and aesthetic development in Brazil was the construction of the Public Walk of Rio de Janeiro, at the time of the colony's capital. Accompanying the European route, the tour modified the life of the carioca, promoting more interaction and dynamism in the leisure of the population, until then very limited to the family and religious environment. The construction of this space injected, even if timidly, the taste of progress in the city and instilled a greater sociability among the inhabitants of the city.

¹ Graduado em Letras, português/espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Discente de Língua e Literatura Italiana da UFRJ. Mestrando pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Bolsista do PIBIAC-UFRJ-Programa Institucional de Bolsas de Iniciação artístico-cultural.

² Graduando em Paisagismo pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Bolsista do PIBIAC-UFRJ-Programa Institucional de Bolsas de Iniciação artístico-cultural.

³ Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Docente do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. Bolsista de Produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este trabalho contou com apoio do CNPq e da UFRJ, por meio de concessão de bolsas PIBIAC aos coautores.

The general objective of this work was to highlight the importance that the public walk (first public garden of Brazil) had in the sociability of the City of Rio de Janeiro and how it influenced the processes of revitalization and urbanization that followed, besides showing the importance of landscaping in designing spaces and how proper planning transforms a city. As specific objectives, we show how this public space appears in nineteenth-century literature, especially in texts by Joaquim Manuel de Macedo and José de Alencar.

Key Words: Modernity; City; literature.

A modernidade, a revolução e a industrialização não se refletiram somente nas máquinas e arquitetura. Seus reflexos entendem-se sobre a forma como se interage com a natureza. Esta, antes vista como um empecilho ao desenvolvimento, volta a ter papel de destaque na cena urbana e passa a representar o progresso do homem que molda e planeja o ambiente ao seu redor a fim de alcançar melhor qualidade de vida – e, no caso do Brasil, um homem que também acompanha o desenvolvimento das grandes metrópoles europeias com seus grandes jardins e parques símbolos do planejamento urbano e do ideal de beleza.

O primeiro grande passo para a concepção de uma imagem funcional de desenvolvimento urbanístico e estético no Brasil foi a construção do Passeio Público do Rio de Janeiro, capital da colônia na época. Acompanhando o traçado europeu, o Passeio modificou a vida do carioca, promovendo mais interação e dinamismo no lazer da população que era até então muito limitado ao ambiente familiar e religioso. A construção desse espaço injetou, mesmo que timidamente, o gosto do progresso na cidade e deu impulso a uma sociabilidade maior entre seus habitantes.

O presente trabalho teve como objetivo geral apresentar a importância que o Passeio Público (primeiro jardim público do Brasil) teve na sociabilidade da Cidade do Rio de Janeiro e como ele influenciou os processos de revitalização e urbanização que se seguiram, além de mostrar a importância do paisagismo na concepção de espaços e como o planejamento adequado transforma uma cidade. Como objetivos específicos, pretendemos apresentar e analisar o modo como esse espaço livre e público aparece na literatura do século XIX, mais precisamente em textos de Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.

Devemos, portanto, pensar a história do Passeio Público do Rio de Janeiro em suas duas fases: a primeira, conhecida como Brasil Colônia (século XVIII), e a segunda, como Brasil Império (século XIX). Muito antes de o Passeio Público existir, o que havia no local era uma lagoa chamada Boqueirão que, por motivos de insalubridade e foco de pestes, fora destinada ao aterramento pelo vice-rei D. Luís de Vasconcelos. Posteriormente, o mesmo

determinou que no local fosse construído um jardim público – foi esse o primeiro espaço público do Rio de Janeiro e do Brasil destinado à socialização urbana. Tratou-se de um espaço de aglutinação e interação entre os cidadãos da época, sendo que até aquele momento não existia um ambiente de grande porte para esse fim; como dito, até então essa interação restringia-se ao ambiente familiar e religioso. Essa foi uma época de grandes transformações na forma de viver da sociedade carioca, pois o Brasil transitava do sistema colonial para o imperial. Afinal, a futura capital do Império e abrigo da família real não o poderia ser sem certa modernização do espaço público em geral. Como veremos, essa modernização acaba por beneficiar a sociedade carioca.

A modernização do espaço público iniciada no século XVIII no Brasil tem como grande exemplo a construção do primeiro jardim público da Cidade do Rio de Janeiro, arquitetado pelo “Mestre” Valentim da Fonseca e Silva entre os anos de 1779 e 1783 e inspirado no modelo francês, que pode ser observado nos traçados geométricos que representaram a forte intervenção e domínio do homem sobre a natureza. Tal construção foi, também, marco do desenvolvimento paisagístico, visto que antes dela (sendo o Brasil uma colônia) não havia espaço para projetos paisagísticos. No entanto, com a vinda da família real para o Brasil a modernização tornou-se um objetivo central e consoante a nova realidade imperial. Haveria de se preparar o Rio de Janeiro para a chegada da Corte e para isso seria necessário absorver certos pensamentos tais como o de Marshall Berman:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’ (BERMAN, 1986, p. 11).

O Passeio Público tinha por finalidade dinamizar e aglutinar a sociedade carioca. Esse espaço permitia interação entre as pessoas e anulava as fronteiras domésticas e religiosas. Era

uma verdadeira vitrine⁴ para a qual as pessoas iam para verem e serem vistas. Nota-se que com a criação do Jardim Público, o espaço urbano foi reestruturado e reorganizado para o lazer e bem-estar da população. O passeio era um lugar exuberante que possibilitava desenvolver diversas atividades culturais e permitia, também, apreciar a natureza. Embora deva-se dizer que tal apreciação se deu nos limites de uma arquitetura pautada pelo traçado francês que trazia em seu bojo o antropocentrismo, ou seja, o domínio do homem sobre a natureza, mais uma vez a intervenção humana se reafirmando sobre o natural (CAVALCANTI, 2004).

A partir do século XIX, com a chegada da família real portuguesa e com o crescimento populacional, a Cidade do Rio de Janeiro sofreu um processo de intensa urbanização, o que proporcionou o desencadeamento de um pensamento tendente a valorizar a precisão da criação de ambientes livres para as práticas de atividades humanas, havendo procura por contato com um espaço mais natural. Essa tendência é verificada na revitalização do Passeio Público, que havia caído em desuso pela falta de manutenção e mau-cheiro. O governo da época revitalizou esse espaço contratando, para isso, o francês Auguste François Marie Glaziou. Mas o principal motivo da reforma foi a visita do príncipe Maximiliano da Áustria ao Brasil, que, não suportando o fétido cheiro dos dejetos cobriu o nariz com um lenço. O gesto foi crucial para que o barão de Uruguaiana e D. Pedro II resolvessem recuperar o jardim.

(...) Nesta dinâmica, a qualidade urbana, especialmente nas grandes cidades, reflete uma necessidade de equilíbrio entre áreas edificadas, públicas ou privadas, e espaços livres públicos como praças e parques. A configuração desses espaços pode ser espontânea, decorrente das necessidades das pessoas de um determinado tempo e lugar, ou ser parte de uma intervenção planejada, que é induzida à população (SANTUCCI, 2003, p. 13).

Com a revitalização do passeio, o espaço tornou-se mais dinâmico e mais próximo do natural, pois o modelo agora era inglês – um traçado orgânico que buscou se aproximar da natureza. Embora fosse a época do Brasil Império, período de grandes reformas urbanísticas, o intento de ordenar o ambiente, a paisagem e a natureza sempre foram necessidades humanas que podemos notar ao longo do transcurso da humanidade. Tal questão tem sido referenciada

⁴ “Os jardins para as grandes cidades são como escapadas da civilização. Entre duas árvores o homem é inteiramente diverso do homem entre vitrines” (JOÃO DO RIO, 1908. Apud. SEGAWA, 1996).

na história dos jardins, que descreve a evolução das formas de ocupação desse espaço livre e a relação homem/natureza, e tal relação se dá de modo diferente a depender da época e da sociedade. Para ilustrar as diferenças verificadas no Rio de Janeiro, seguem duas fotografias: uma da construção do Passeio Público conforme o modelo francês, e outra da sua revitalização seguindo o modelo inglês de Glaziou:

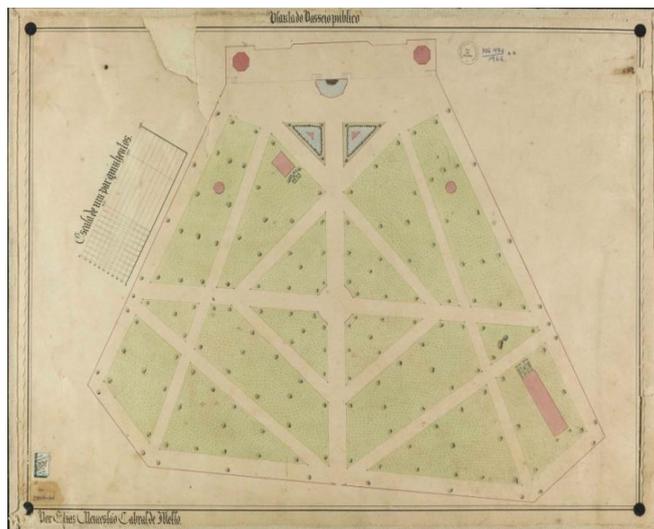


Figura 1 – Planta do projeto de Mestre Valentin. Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira.

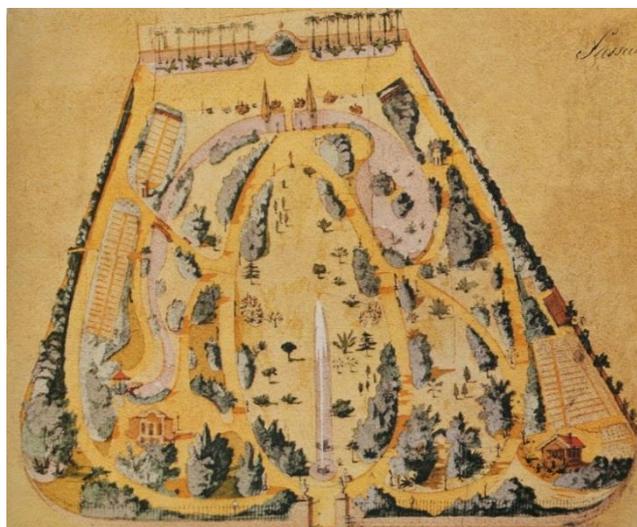


Figura 2 – Projeto de Glaziou para reforma do Passeio Público. Fonte: Biblioteca Nacional.

O processo de revitalização e urbanização no espaço público do Rio de Janeiro ocorrido entre o final do século XVIII e o transcurso do século XIX se deu graças ao

paisagismo, que, sem dúvida, foi de extrema importância para que essas obras se fixassem na paisagem da cidade e na literatura brasileira. O uso do Passeio Público enquanto espaço de sociabilidade foi tão importante para a sociedade carioca da época que ficou registrado na literatura de autores como José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo. Na obra *A pata da gazela*, de José de Alencar, é possível observar que o autor cita por diversas vezes o Passeio Público como no fragmento que transcrevemos abaixo:

O carro aproximava-se do Largo da Lapa, quando Amélia disse:

— Podíamos ir agora ao Passeio Público?

— Tão tarde! replicou Laura.

— Deixa-te disso! observou a mãe da moça.

— Por quê, mamãe? Há tanto tempo que lá não vamos.

— Não há nada de novo.

— Ora, eu queria ver a garça. Ainda não a vi.

Tanto insistiu que a mãe cedeu a seu capricho, e deu ordem ao cocheiro que chegasse até o portão do Passeio Público. As senhoras desapareceram na curva de uma das alamedas do parque, em direção ao lago. Amélia queria ver o andar da garça, que Horácio tinha comparado ao seu (ALENCAR, s.d p. 18).

É possível notar através da leitura do trecho em questão o quanto o Passeio Público foi importante para a sociedade carioca da época. Essa percepção é possível graças à literatura, que captou e registrou esse espaço para que pudéssemos, hoje, ter acesso a ele. Vemos por ela que o passeio era um lugar de aconchego, de lazer, de apreciação da natureza, mas também um lugar de paquera, conforme sugere o romance entre Amélia e Horácio (que compara as delicadas pernas da moça com o andar da garça, animal encontrado no Passeio Público).

O jardim foi um espaço de sociabilidade, que funcionou como uma vitrine, onde todos podiam ver e serem vistos. “O Passeio Público [...] no fundo terminava acima do mar por um elegante terraço cuja base recebia às vezes os beijos, às vezes os embates violentos das ondas, ou namoradas ou embravecidas” (MACEDO, s.d, p. 14).

O Passeio Público teve a sua época de ouro e José de Alencar utiliza esse jardim não só como espaço de seus romances, mas também convida seus leitores a visitá-lo em sua crônica semanal intitulada “Ao correr da pena”, publicada no *Correio Mercantil*:

Quando estiverdes de bom humor e numa excelente disposição do espírito, aproveitai uma dessas bellas tardes de verão como tem feito nos últimos dias, e ide passar algumas horas no Passeio Público, onde ao menos gozareis a sombra das árvores e um ar puro e fresco, e estareis livres da poeira e do incommodo rodar dos ônibus e das carroças (ALENCAR, 29 out.1854, p. 1).

constituíram elementos peculiares na urbanização e na consolidação dos espaços urbanos justamente por trazerem a imagem do “paraíso perdido” para dentro da modernidade. Segundo o autor, “o passeio ajardinado será a instância radical do estabelecimento da ordem pública, o grande teatro, onde os homens vão se comportar como atores, a fim de serem sociáveis uns com os outros na cidade, na visão de Sennett” (SEGAWA, 1996, p. 49).

Do jardim setecentista ao espaço de passagem incrustado no Centro do Rio de Janeiro, o Passeio Público teve seus momentos de altos e baixos, continuando, segundo Hugo Segawa em entrevista ao *Boletim Mais Passeio*,

a ser o que sempre foi: um jardim público sem a pompa e circunstância que um dia o cercou. [...] Deixou de ser um jardim público de um ponto de vista funcional (e trivial) para se tornar apenas um jardim público. Mas não é por isso que ele deixou de ser um dos recintos urbanos de maior densidade histórica no Brasil. Por sua carga de significados, o Passeio Público continua sendo o jardim, o mais importante do urbanismo colonial brasileiro e entre os mais importantes remanescentes no mundo em seu gênero. (Entrevista *Mais Passeio*, ano 2, n. 13, 2003, p. 2).

Dentro dessa perspectiva apontada por Segawa, elaboramos um material multimídia sobre o Passeio Público, utilizando o Sway, uma plataforma de criação de apresentações da Microsoft. O Sway permite a criação de apresentações interativas e é *online*, não precisa ser instalado no computador. A plataforma é muito dinâmica e aceita variados tipos de arquivos, como inserção de mapas, vídeos, fotografias, textos e outros mais. Utilizamos esse programa para, justamente, publicarmos a apresentação na Internet, já que o formato das apresentações do Sway é suportado por praticamente todos os serviços de hospedagem de *sites*. Assim, criamos um *site* para publicar a apresentação dos resultados da pesquisa. A forma como a apresentação é vista fica a critério do leitor. Há três diferentes tipos de rolagem, é possível ver em tela cheia, e expandir as imagens. Tudo é muito intuitivo.

O site foi feito através do Google Sites⁵ cujo formato é simples, objetivo e abriga a pesquisa na página principal. Além disso, na parte superior direita do *site* há o caminho para uma breve descrição do conteúdo apresentado e também os contatos dos responsáveis pelo projeto, podendo ser compartilhado em todas as redes sociais. As atualizações consideradas importantes sobre o conteúdo serão permanentes para que o *site* não caia em desuso, e se torne uma boa fonte de informação para o público em geral e também acadêmico. O *link* do *site* é <https://sites.google.com/view/vitrinesdacidademoderna>

⁵ O conteúdo do *site* foi apresentado pela primeira vez na 8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, em 2017.



Referências

ALENCAR, José de. Páginas menores. Ao correr da pena. In: **Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal (RJ)**. Edição 298, domingo 29 de outubro de 1854. Fonte: Acervo da FBN. Cód.: TRB00276.0171, p. 1.

_____. **A pata da gazela**. Texto digitalizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 12/12/2017.

_____. **A viuvinha**. Texto digitalizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 13/12/2017.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés et. al. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MACEDO, Joaquim M. de. **A luneta mágica**. Texto digitalizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 20/12/2017.

_____. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Ed. rev. e anotada. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação, 2005. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1100>. Acesso em 26/12/2017.

_____. **O moço loiro**. Texto digitalizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 20/12/2017.

SANTUCCI, Jane. O passeio público no século XX: “novos” sujeitos, usos e atribuições. Leituras paisagísticas: **Teoria e práxis** (1): (Re)construindo a paisagem do Passeio Público, historiografia e práticas projetuais. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

_____. Entrevista. **Boletim Mais Passeio**. Ano 2, n. 13, 2003, p. 1-2. Disponível em <http://www.passeiopublico.com/htm/sec21-04.asp> Acesso em: 20/12/2017.